

RUY FAUSTO

Caminhos da esquerda

Elementos para uma reconstrução



Copyright © 2017 by Ruy Fausto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Thiago Lacaz

Preparação

Julia Passos

Revisão

Clara Diamant

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fausto, Ruy

Caminhos da esquerda: Elementos para uma reconstrução /
Ruy Fausto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2931-7

1. Sistemas políticos, Esquerda, Direita, Reconstrução 2.
Brasil – Política e governo 3. Democracia – Brasil 4. Direita e es-
querda (ciéncia política) 5. Socialismo – Brasil 1. Título.

17-04038

CDD-324.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Reconstrução da esquerda: Ciências políticas 324.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio 7

Introdução 10

1. As patologias da esquerda 15

2. A direita no ataque 46

3. Crise das patologias e crise da esquerda 61

4. Reconstruir a esquerda: projetos e programas 80

5. Reconstruir a esquerda: razões e fundamentos 94

Conclusão — Voltando ao tempo histórico brasileiro 117

Apêndice I — Resposta a um economista liberal e a alguns outros críticos 120

Apêndice II — Segunda resposta ao economista liberal 155

Notas 185

Prefácio

O presente livro tem como base a versão original de um texto que publiquei no número 121 da revista *piauí*, em outubro de 2016, sob o título “Reconstruir a esquerda”. O artigo, que no trabalho de copidesque contou com a ajuda dos editores Fernando de Barros e Silva e Rafael Cariello, representava mais ou menos um terço da versão original. É esta última que, corrigida e amplamente reescrita, veio a constituir o corpo desta obra.

De outubro de 2016 a fevereiro de 2017, algumas coisas, boas ou ruins, aconteceram no Brasil e no mundo. No Brasil, houve a prisão de vários políticos, a começar por Eduardo Cunha, no quadro da operação Lava-Jato, e a aprovação da proposta de emenda constitucional que congela os gastos do Estado, corrigidos pela inflação, por vinte anos. A surpreendente vitória do populista de direita Donald Trump nas eleições presidenciais americanas em novembro foi, infelizmente, a novidade mais importante no plano internacional. Na medida do possível, tentei incorporar ao texto algumas referências a esses eventos.

O artigo da *piauí* que resumia a versão original deste livro foi

objeto de debate em jornais e revistas. Alguns eram globalmente favoráveis; outros, não. Esforcei-me por responder em notas a uma das publicações deste último grupo e decidi incluir como apêndice as respostas a outros comentários, favoráveis ou não, principalmente ao texto crítico do economista liberal Samuel Pessôa.¹

A vitória de Trump confirma o que já era evidente: há uma verdadeira ofensiva, não apenas — ou principalmente — da direita, mas também da extrema direita. O populista eleito vai na mesma direção de Viktor Orbán na Hungria, do governo polonês, dos partidos de extrema direita na Áustria, na Holanda e na França, para citar alguns. Até agora Trump simpatiza com Putin, que, por sua vez — e apesar das diferenças —, tem afinidade com o governo chinês. Enfim, se não houver novas peripécias (tudo pode acontecer sob a batuta de Trump), corremos o risco de ver constituído um verdadeiro bloco de governos de extrema direita. Governos nacionalistas e chauvinistas, autoritários, com um programa econômico que combina políticas neoliberais e alguma medida de caráter mais ou menos “populista” por parte do Estado.

No Brasil, o governo Temer continua a sua trajetória. Ou, antes, mostra cada vez mais a sua cara: a proposta de emenda constitucional que congela os gastos do Estado por vinte anos é o produto mais violento e mais antipovo desse governo ilegítimo.

Diante dessa situação, a esquerda deve mais do que nunca buscar os caminhos da unidade. Isso vale tanto para o Brasil como para a Europa e os Estados Unidos. Mas a união das esquerdas não é incompatível com a discussão interna. Eu diria, inclusive, o contrário. A união só poderá vir com base numa discussão profunda dos problemas no interior da esquerda.

Assim, o quadro em que se inseria o meu projeto, indicado na publicação de outubro, vale a fortiori para este livro, concluído no final de fevereiro de 2017. Na primeira publicação, eu me referi à ofensiva da direita no Brasil e no mundo. Hoje, essa ofensiva

tomou um caráter muito mais grave com a ascensão à presidência da primeira potência mundial de um personagem ultraconservador, demagógico, sexista, e cuja principal preocupação era desmontar os modestos dispositivos de cobertura social de que dispõem os Estados Unidos graças a alguns governos, incluindo o de Barack Obama. Porém, o primeiro mês do governo Trump mostra que ele visa a muito mais do que isso, pondo em prática um projeto arquirreacionário. Trump está refundindo toda a política interna e externa dos Estados Unidos, no sentido de um paleoconservadorismo cujos limites não conhecemos. Ele nomeou os piores demagogos de extrema direita para os cargos mais importantes para a condução da política externa americana; nas agências encarregadas da política do meio ambiente, colocou personagens que professam um ceticismo anticientífico criminoso em matéria de ecologia; começou, como prometera, a construção de um muro na fronteira com o México; e impediu arbitrariamente a entrada dos cidadãos de uma meia dúzia de países do Oriente Médio, mesmo com visto permanente no país. Sob Trump, a tarefa de repensar o destino da esquerda ganhou ainda mais urgência. É nessas condições que lanço este livro.

Agradeço a Arthur Hussne Bernardo, Cícero Araújo, Fernando Rugitsky, Laura Carvalho, Leonardo da Hora Pereira e Luisa Lobo Fausto pelas observações críticas da maior importância que fizeram às primeiras versões deste livro ou ao artigo que o resumia — ou a ambos. Agradeço também a Fernando de Barros e Silva e a Rafael Cariello pela ajuda no copidesque do artigo e da versão reduzida do apêndice, publicado pela *piauí* no número 125 de fevereiro de 2017, trabalho esse que, em parte, foi incorporado à redação deste volume. A todos, muito obrigado, mas sem responsabilidade, em particular no que este livro tem de polêmico.

Introdução

Assistimos atualmente a uma formidável ofensiva da direita no Brasil e no mundo. Suas raízes são políticas e econômicas. No Brasil, a ofensiva assume características próprias. Ela se insere no processo que levou ao impeachment da presidente da República, processo esse que ainda a alimenta. No plano mundial, embora se deva dizer que a esquerda está na defensiva — tanto mais depois da eleição de Trump —, há que registrar, entretanto, manifestações de resistência que estouraram nos últimos anos por toda parte, e que têm tido certo sucesso: mobilizações, formação de novos partidos, participação importante em campanhas eleitorais, publicação de textos teóricos, atividade jornalística. No Brasil, claro que há resistência, e, em parte, do mesmo tipo. Porém, ela é certamente insuficiente. Para usar uma imagem, a atual situação em que se encontra a esquerda brasileira parece com um homem perdido na floresta. Impõe-se um trabalho de reconstrução teórica e prática. Se essa exigência se apresenta por toda parte, no caso do Brasil ela é absolutamente urgente. Este livro pretende ser uma contribuição a esse trabalho crítico.

Como proceder? Deixo claro, desde o início, que evitarei uma postura teoricamente hiper-radical, que, sob pretexto de começar tudo de novo, acaba obliterando pontos de discussão importantes como os que versam sobre as maneiras de a esquerda chegar ao poder e como deve governar. Quanto aos caminhos mais precisos da investigação, abrem-se aqui múltiplas possibilidades. O procedimento pode ser mais positivo (propor projetos para partidos, ou de governo) ou mais negativo (retomar a crítica). Politicamente, pode ser mais ou menos radical (no velho jargão, ser mais revolucionário ou mais reformista). Pode privilegiar esse ou aquele domínio do discurso ou do saber, mover-se mais no plano filosófico, econômico ou político. Também pode variar a sua atitude em relação à conjuntura, ou, de forma mais geral, ao seu modo de inserção na história: isto é, pode se conectar muito estreitamente com o momento histórico imediato ou se construir sobre o fundo de uma duração histórica mais vasta ou menos definida. Por fim, pode se preocupar mais com a situação da esquerda nacional ou, pelo contrário, pensar no estado atual da esquerda no mundo.

A minha perspectiva é eminentemente crítica, embora ela se prolongue num desenvolvimento programático. Acho que é bom privilegiar a crítica dos erros e das ilusões, porque, mais do que pela indefinição dos seus objetivos, a esquerda continua pagando um preço muito alto pelas figuras aberrantes que se apresentaram como suas encarnações. Na realidade, desde há mais ou menos um século a esquerda foi acometida por certas doenças que não chegaram a matá-la, mas das quais ela ainda não está plenamente curada. Apesar de tudo o que já se escreveu sobre essas formas aberrantes, há que se voltar a elas de forma sistemática. Sem esse trabalho, não sairemos dos impasses atuais, por mais que ela possa encontrar uma saída imediata — mas sempre instável — para essa ou aquela situação.

Ocupar-me-ei, em primeira instância, do Brasil, mas estas pá-

ginas têm também a pretensão de dizer alguma coisa sobre os problemas da esquerda mundial. É evidente desde já a impossibilidade de desenvolver uma crítica da esquerda nacional sem discutir a situação da esquerda no mundo. Privilegio a análise propriamente política — visando um contexto que é mais vasto do que o da conjuntura, porém incluindo também a própria conjuntura —, mas essa análise vem informada por certo tipo de reflexão, que, ousaria dizer, é em parte filosófica, pelo menos no sentido de uma filosofia da história.

A crítica econômica é o grande desafio. Tento seguir a norma cartesiana — que é bem mais do que uma velharia ou um lugar-comum dos manuais de filosofia — de só aceitar o que me parecer evidente. Exigência a que não é muito difícil obedecer quando se trata de política e de história. Já a economia é outra conversa. Ela é de uma tecnicidade particular. E assim, o que fazer quando não se é economista? Deve-se renunciar a toda referência aos problemas econômicos? Essa é a norma de certos críticos sérios, mas ela é insatisfatória. Nas condições atuais, uma crítica alérgica a toda referência à economia é insignificante.

Optei por uma solução arriscada, mas que me parece, ainda, a menos pior. Sem me aventurar muito nesse terreno, não me furtai a fazer algumas observações críticas.¹ Não é que, para o não especialista, as evidências nesse domínio inexistam. Mas elas são frequentemente indiretas e de uma clareza inferior àquelas a que ele pode chegar (eu, pelo menos) no plano da política. Em todo caso, se não sou “imparcial”, prometo ao leitor um esforço de honestidade crítica. Se, como já disse, analisarei também o meu campo, que é o da esquerda, esboço aqui um trabalho que se fez pouco: a crítica do discurso dos ideólogos da direita. Claro que, até agora, se abriu muito fogo contra o sistema no plano político ou no econômico, mas há certa resistência à ideia de um trabalho de análise minuciosa do discurso de jornalistas e eventuais teóricos

de direita. Diz-se que é inútil se ocupar dos inimigos — em todo caso, desses inimigos — e até se considera suspeito tal interesse. Essa atitude é como a dos que supõem — guardadas as proporções — que os historiadores do nazismo são, no fundo, simpatizantes, ou que os cancerologistas são partidários do câncer...

Finalmente, como a campanha antiesquerda — por primária que seja —, dada a sua violência, os meios de que dispõe e o nível relativamente baixo da nossa “opinião pública”, pode, sem dúvida, influenciar setores importantes de diferentes classes, me pareceu necessário inserir também alguns parágrafos que apontam menos para os problemas da reconstrução da esquerda do que para algo do tipo “defesa e ilustração da esquerda”. Trata-se de dar algumas informações sobre a história do pensamento e da prática política da esquerda, assim como sobre os seus valores — além de desconstruir alguns mitos. O leitor bem-informado me perdoará pelo caráter notoriamente pedagógico de alguns desenvolvimentos. Se não fazem parte da teoria da reconstrução, eles se inserem, na prática, nos termos em que a reconstrução deve operar. De fato, esta deveria conter como momento esse trabalho de explicitação.

1. As patologias da esquerda

Meu ponto de partida é a tomada de consciência de que os caminhos que seguiu a esquerda, aproximadamente nos últimos cem anos, representam uma deriva múltipla em relação ao que se poderia considerar o seu encaminhamento original. Pode parecer uma banalidade — para alguns parecerá, pelo contrário, uma heresia —, mas estou convencido de que a primeira coisa a fazer é dissociar o projeto da esquerda da maioria dos projetos e políticas que no último século se apresentaram como representativos dela, na forma de práticas de Estado ou de partido, ou enquanto corpo de ideias. Minha hipótese é a de que um eventual trabalho de reconstrução deve começar pela percepção de que, por diferentes razões e sob diferentes formas, vivemos nos últimos cem anos um período de alienação radical do projeto de esquerda em relação ao que ela representou na origem, e deveria continuar representando.

Ouço já a objeção que se fará a essa postura: “Para salvar a esquerda, você põe entre parênteses a esquerda que realmente existe e se refugia numa outra, que só existe no seu espírito...”. Entendo

o argumento, mas desde já observo que ele falseia a natureza do problema. Aliás, a respeito do argumento, leio uma matéria em que um articulista — como todo direitista-novo —, embalado com os ares do tempo, dá uma lição de realismo, num jornal da sua nova família política, a uma moça que, coitada, embora não acredite nem em Stálín nem em Castro, acha que o socialismo (ela diz: o comunismo) verdadeiro é outra coisa. Respirando fundo no senso comum conservador do pós-impeachment, o articulista tripudia sobre o irrealismo da moça: ela teria introduzido sub-repticiamente um pretenso socialismo verdadeiro, sob a miséria do socialismo real, o único que existe efetivamente, e o qual ela é incapaz de enxergar.

No entanto, houve a Inquisição, as Cruzadas, o papa Bórgia, a noite de São Bartolomeu, o reacionarismo de uma fieira de papas, a atitude do papa Pio XII na Segunda Guerra Mundial, a homofobia, a oposição ao divórcio, o fanatismo nas diretivas sobre a escola, enfim, uma longa história de erros e horrores do cristianismo realmente existente. Seria tão irrealista assim dizer que, apesar de tudo, o cristianismo verdadeiro é outra coisa? No caso da esquerda não se trata, bem entendido, de religião, mas, enquanto ilustração e “epígrafe”, a comparação é útil. Houve e há uma esquerda que esteve fora do poder de Estado e dos partidos. Mesmo dentro dos partidos e do Estado, nem tudo foi negativo (pense-se, por exemplo, no Front Populaire francês dos anos 1930 ou no socialismo nórdico). No plano da produção das ideias, há um saldo considerável (para dar um exemplo, o pensamento clássico de Frankfurt¹ não foi nenhuma brincadeira). Talvez se devesse lembrar também que há um bom jornalismo de esquerda no mundo, embora ameaçado constantemente pelo poder do capital (citaria apenas o *Libération*, que conheço melhor, jornal francês de esquerda, combativo, lúcido e radicalmente antitotalitário).

O trabalho que tentarei fazer não é o de um “fazendeiro do

ar". A situação política, tanto a do Brasil como a do mundo, é mais complexa do que sugerem as fontes oficiais. As da direita e, de outro modo, também as da esquerda. Seria preciso deixar claro que não estou propondo voltar a um marco zero. Oponho-me explicitamente a essa atitude. O que é preciso erradicar de forma eficaz são as representações ilusórias que se propagam na esquerda. E também, é claro, as práticas. Mas não se trata de pôr entre parênteses tudo o que a esquerda fez, *mesmo quando o fez no interior de uma perspectiva que pode ter muito de ilusória*.

Em 1968, por exemplo, muita gente se exprimia na linguagem do maoísmo ou do trotskismo. Nem por isso o movimento de 1968 deixou de ser libertário. Ele o foi mesmo quando se apresentava sob envoltórios ideológicos duvidosos. O próprio Front Populaire francês dos anos 1930 se fez na base de uma aliança com o PCF, partido stalinista e burocratizado, e ainda assim teve lugar importante na história das lutas populares. A partir dele, obtiveram-se medidas essenciais à proteção social (férias remuneradas, por exemplo) e marcaram-se pontos na luta contra o fascismo. As greves operárias na Europa e na América Latina não deixaram de ser grandes movimentos só porque se fizeram, muitas vezes, sob direção social-democrata, populista ou stalinista. A campanha contra o impeachment no Brasil foi um movimento importante, a ser saudado e comemorado, embora tenha sido levado a cabo sob a hegemonia de um partido que não é propriamente um modelo.

Enfim, não pretendo substituir o que está aí por algo inteiramente novo. Não se trata de trocar o movimento real por um ideal. Trata-se de combater infecções de ideias que prejudicam o movimento. Se, no passado, houve horrores praticados em nome da esquerda e, o que é mais grave, contando com a justificação de boa parte dela — em relação a isso, é claro, há que partir do zero —, hoje, a situação é diferente. As doenças da esquerda são

graves, no sentido de que elas limitam o alcance da sua atividade e dão armas aos adversários. Mas não são doenças que façam com que esses movimentos, hoje, principalmente, deixem de ser movimentos de libertação na sua imensa maioria. E, como veremos, as patologias da esquerda estão em plena crise. Ao criticá-las, nos apoiamos num movimento em curso (o que não é sempre possível nem é em si mesmo necessário, mas, existindo, ajuda).

Não se trata de dizer que a esquerda foi inteiramente “pura” na origem e depois degenerou. As suas patologias rondam desde o início da sua história. A prova é o jacobinismo robespierrista — o Terror. Isso não vai em detrimento da esquerda, porque, provavelmente, se pode afirmar que todas as formas políticas são, desde a primeira idade, mais ou menos ameaçadas por patologias. A verdade é que, se houve sempre patologias, efetivas ou virtuais, ameaçando a esquerda, sempre existiram, também, figuras políticas, partidos ou movimentos que resistiram a elas. A história da esquerda entre a Revolução Francesa e 1914 o comprova. E, depois da emergência do bolchevismo e dos totalitarismos de esquerda, como também do reformismo adesista, houve uma esquerda que resistiu a uns e a outros. Voltarei a esse assunto mais adiante.

CONTRA O NEOTOTALITARISMO

Muitas vezes se afirmou que a esquerda levou um enorme baque — se não o baque definitivo — com o fim do chamado socialismo de caserna, cuja história terminou, pelo menos em termos simbólicos, com a queda do Muro de Berlim, em 1989. Ou, de forma mais radical, se asseverou que a experiência terrível do totalitarismo, no caso do totalitarismo de esquerda, deu um golpe mortal no projeto da esquerda. Na realidade, o golpe foi imenso, mas a trajetória não termina aí. De certo modo, antes começa — ou recomeça.

O colapso do totalitarismo igualitarista é um ponto de partida. Com base nele, nasce uma porção de perguntas. O que representou o socialismo de caserna? Por quais razões ele caiu? Em que medida ele encarnava efetivamente um ideal que poderia ser chamado de socialista? E mais: houve outras deformações além daquela que ele implicou? Se houve, o que significam e como se explica a emergência delas? Perguntas que põem na ordem do dia a interrogação mais geral — que os ideólogos mais radicais do sistema dominante depois da queda do Muro respondem confirmado a negativa —: não haveria mais futuro para a esquerda?

Se estou convencido de que é falsa a tese de que a esquerda foi mortalmente ferida com a queda do Muro — como já disse, sou mesmo tentado a afirmar o contrário: a de que ela nasce ou renasce com a crise do “comunismo” —,² a verdade é que, depois dessa crise, ela vive uma situação difícil.

É preciso partir de uma realidade brutal. Uma das tendências da esquerda nascida na Rússia, no início do século xx, e que se tornou mais ou menos hegemônica na esquerda mundial a partir da segunda ou terceira décadas do mesmo século, conduziu a um resultado catastrófico. Ela nasceu de um partido autoritário que, depois de algumas peripécias, deu origem a um Estado totalitário (o que significa: um Estado em que se negam todas as liberdades civis e políticas e que tem como projeto uma dominação total do indivíduo), e, mais tarde, a um sistema de Estados totalitários. O balanço da experiência totalitária de esquerda é o de muitas dezenas de milhões de mortos, principalmente camponeses, sendo os pontos altos desse massacre a fome stalinista dos anos 1930, que atingiu os camponeses da Ucrânia e do sul da Rússia, e o “Grande Salto Para a Frente” (projeto delirante de crescimento econômico e industrialização hiperbólicos) de Mao Tse-tung, entre 1958 e 1961. Pode-se acrescentar ainda o “grande terror” na União Soviética, nos anos 1930; a Revolução Cultural Chinesa, que começa